



## TRABALHO E LAZER DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE TURISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

### *WORK AND LEISURE OF TOURISM PROFESSORS IN PANDEMIC TIMES*

Claudia Corrêa de Almeida Moraes<sup>\*</sup>

Valeria Lima Guimarães<sup>\*\*</sup>

Teresa Catramby<sup>\*\*\*</sup>

Fábia Trentin<sup>\*\*\*\*</sup>

**Resumo:** As mudanças ocasionadas pela pandemia da Covid-19 no ensino e na vida dos professores universitários de Turismo motivaram esta pesquisa, cujo objetivo é construir uma memória sobre a vida laboral e pessoal, em especial do uso dos espaços físicos domésticos e das vivências de lazer destes docentes. A metodologia constituiu-se na realização de entrevistas com docentes em dois momentos da pandemia (2020-2021) e do uso da história de vida, inspirado em Daniel Bertaux (2020). Os resultados revelam as angústias do professor na pandemia e a necessidade de maior atenção a esse profissional, da amplificação da sua voz e das suas condições de bem-estar. O artigo contribui para as distintas formas de ler o mundo na pandemia, do ponto de vista de uma categoria profissional e da reflexão para a construção de políticas e tomada de decisões que envolvam o trabalho docente no ensino superior em Turismo.

**Palavras-chave:** turismo; COVID-19; professores do ensino superior; espaço físico; lazer.

**Abstract:** The changes brought by the Covid-19 pandemic in the teaching and lives of Tourism university professors motivated this research, whose objective is to build a memory about their work and personal life, especially the use of physical domestic spaces and their leisure experiences. The methodology consists of a conducting interviews with professors in two moments of the pandemic (2020-2021) and the use of life history, inspired by Daniel Bertaux (2020). The results reveal the professors anxieties in the pandemic and the need for greater attention to these professionals, the amplification of their voice and their conditions of well-being. The article contributes to the different ways of reading the world in the pandemic, from the point of view of a professional category and reflection for the construction of policies and decisions making involving teaching in Tourism higher education.

**Keywords:** tourism; COVID-19; higher education teachers; physicalspace; leisure.

---

\* Doutora em Geografia (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp). Professora da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). E-mail: ccamoraes@id.uff.br.

\*\* Doutora em História Comparada (Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ). Professora dos cursos de graduação e mestrado da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). E-mail: valeriaguimares@id.uff.br.

\*\*\* Doutora em Engenharia de Produção (Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ); Professora do curso de Turismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil). E-mail: teresacatramby@gmail.com.

\*\*\*\* Doutora em Turismo, Lazer e Cultura (Universidade Federal Fluminense) Professora dos cursos de graduação e mestrado da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). E-mail: ftrentin@id.uff.br.

## 1 Introdução

No dia 10 de março de 2020 a *World Health Organization* declarou a situação de pandemia mundial provocada coronavírus Sars-CoV-2 (GUIMARÃES *et al.*, 2020). Essa catástrofe em escala planetária ocasionou a suspensão do cotidiano e da vida pública em todas as suas faces. Por não haver vacina contra a Covid-19, as formas de se evitar o contágio foram o isolamento social e os cuidados sanitários. Como decorrência do isolamento social, em março de 2020, as aulas presenciais das Instituições Superiores de Ensino (IES) do Brasil foram suspensas por tempo indeterminado (BRASIL, 2020a). No final de 2020, o governo federal reconfirma a orientação anterior em manter a suspensão das aulas presenciais até o final do ano de 2021. No segundo semestre desse ano, com o avanço da vacinação, o governo brasileiro (BRASIL, 2021) altera as diretrizes nacionais orientadoras e permite o retorno das escolas de acordo com as orientações sanitárias. Algumas IES retornaram ou planejam o retorno para as atividades presenciais ou no modelo híbrido, e há aquelas que permanecem no modelo remoto<sup>1</sup>.

O modelo remoto foi a solução para que as aulas não fossem suspensas e as IES ficaram autorizadas a realizar “atividades letivas que utilizem recursos educacionais digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais” (BRASIL, 2020a, p.1). Desse modo, nas instituições de ensino que adotaram essa orientação, seus respectivos professores passaram a trabalhar em tempo integral na própria casa, em situação de trabalho remoto e *home office*. O modelo sem tempo de planejamento e preparo ao ser implantado rapidamente, não teve como medir as consequências que ocorreriam e nem oferecer condições para que pudessem se preparar ou participar de forma ideal.

Alguns estudos que tratam da temática docência e a Covid-19 foram feitos em outras instâncias de docência como educação infantil, ensino fundamental, médio e universitário. No universo dos professores universitários dos cursos de Turismo, além de *lives streaming* e postagens em redes sociais, até agosto de 2021 foram publicados os artigos de Guimarães *et al.* (2020), Ferreira e Fonseca Filho (2020) e Silva *et al.* (2021). Essas produções referem-se aos momentos iniciais da pandemia. Os artigos tratam das relações entre a educação,

---

<sup>1</sup> Optou-se por utilizar o termo ensino remoto por ilustrar melhor o objeto deste artigo, a questão espaço-tempo-trabalho.

professores e estudantes em situações vividas durante a pandemia da Covid-19. Eles revelam indícios das transformações do ensino superior em Turismo diante dos novos desafios dos docentes quanto à atitude e interesse, características dos estudantes, políticas das IES, ferramentas e recursos tecnológicos, treinamento, capacitação docente, ambiente de trabalho e condições físicas e psicológicas.

Diante da situação exposta, um grupo de professores universitários procurou lançar luzes sobre o processo de saída dos docentes da sala de aula física e dos laboratórios técnicos e adentrar no universo particular de suas casas, de onde tiveram que atuar dividindo o mesmo tempo-espaço da dinâmica familiar. Em maio de 2020, realizou-se um primeiro estudo com professores dos cursos superiores de Turismo de todas as regiões do Brasil com o intuito de conhecer sobre o impacto dessas mudanças na sua vida profissional e social.

Como fazer ciência é dar continuidade ao conhecimento produzido, partindo dos resultados da primeira etapa desta pesquisa (maio-agosto de 2020) e das contribuições dos artigos publicados pelos autores citados, indagou-se como estariam os professores dos cursos de Turismo um ano após a pesquisa realizada, pois sendo os professores também pesquisadores, ao presenciarem estes momentos de transição suscitam preocupações em discutir, conhecer e entender as mudanças em suas vidas profissional profissionais e pessoal pessoais. Perante a complexidade que este tema provoca, escolheu-se nesse novo momento da pesquisa dois subtemas: os espaços físicos e virtuais e a questão do trabalho e do lazer. O espaço justifica-se por ser a principal mudança com a suspensão das aulas presenciais, transladar para um espaço virtual e para o espaço doméstico e o lazer por ser um direito fundamental do ser humano e necessário para a sua existência, alterado nas condições impostas no isolamento.

Desta feita, o objetivo do artigo consiste em construir uma memória da categoria profissional, professores universitários de cursos de Turismo, sobre sua vida e seu trabalho em tempos da Covid-19, possibilitando o registro dessas experiências vividas e das respostas dadas por estes homens e mulheres nesse momento histórico, assim como a produção de dados para uso de pesquisadores como formas de leitura do mundo na pandemia e recursos para a construção de políticas que envolvam a gestão do trabalho do professor no ensino superior em Turismo, no âmbito dos espaços físicos e virtuais, e a questão do trabalho e do lazer.



A trilha metodológica percorrida compôs-se de uma pesquisa qualitativa com 42 professores do ensino superior de cursos de Turismo. Foi dividido em quatro passos: a revisão da literatura sobre o professor como trabalhador da educação superior no Brasil e sobre a docência do professor universitário e, em especial sobre o espaço de vida, de trabalho e o lazer durante a pandemia da Covid-19. O segundo passo foi a aplicação de questionário em tempos distintos; em maio de 2020 e julho de 2021, com professores universitários cuja escolha recaiu em buscar uma diversidade de docentes quanto à faixa etária; estado civil; se tinham ou não filhos e se trabalhavam em universidade pública ou privada. Pretendeu-se captar dois momentos do isolamento social, um logo no início, ainda sem a vacina e sem perspectivas de retorno, e outro onde a aplicação da vacina já estava avançada e muitos setores haviam retornado, incluindo algumas escolas. Os depoentes da segunda pesquisa não foram necessariamente os mesmos da anterior, mas, manteve-se igual o objetivo da investigação. O terceiro passo foi uma entrevista detalhada com um professor que se destacou em seu depoimento, seguida da análise dos dados pelo método da história de vida.

O artigo apresenta a seguinte estrutura: na primeira seção aborda-se o professor como o trabalhador da educação superior, na segunda suas condições de trabalho e o espaço de trabalho, na terceira as condições de lazer e o lazer na pandemia. Em seguida, explica-se a metodologia utilizada, apresenta-se a análise dos questionários e uma análise com destaque para perguntas abertas, finalizando com as considerações finais.

## **2 Procedimentos metodológicos**

A análise científica de um fenômeno em curso não é tarefa das mais simples. Como acreditava boa parte da comunidade de historiadores, o distanciamento, não o social, mas o do tempo e do espaço eram condições importantes para a análise dos fatos, considerados então como fatos passados e já possíveis de serem estudados numa visão retrospectiva, sem a contaminação das incertezas e mudanças constantes do presente. Entretanto, novas discussões teóricas e epistemológicas levantadas por uma corrente de historiadores adeptos à chamada história do tempo presente conferem legitimidade a esse campo, chancelando a escrita da história com os fenômenos observados ainda em curso e seus atores envolvidos ainda vivos.



O trabalho científico, de uma forma geral, é feito a partir da leitura crítica da produção acumulada, como ponto de partida e diálogo para o avanço da produção do conhecimento. Tomando de empréstimo a discussão apresentada no campo do pensamento histórico acerca da investigação acadêmica centrada nos fatos presentes, assumimos com clareza a noção de que os escritos sobre uma catástrofe que ainda está em curso, pelas suas características e envolvimento dos próprios pesquisadores, requerem acréscimos, atualizações e revisões.

A história de vida aplica-se à análise qualitativa das pesquisas. Tal método procura dar destaque à forma como o indivíduo concebe a sua história, vista como resultado de um cruzamento da vida individual com as relações sociais que esse sujeito estabelece em seu grupo. Ao relatar a sua história individual, o sujeito narrador ao mesmo tempo tem a oportunidade de refletir sobre sua vida no momento da narrativa, conforme enfatizou o francês Daniel Bertaux (COSTA; SANTOS, 2020), um dos principais teóricos do método da história de vida, na década de 1970.

Segundo este método, cabe ao pesquisador ouvir o relato e perceber as interações sociais ali presentes. É um método muito utilizado para apreensão da história do cotidiano, uma vez que o indivíduo fala de sua própria trajetória de vida com detalhes que se cruzam com a vida social. Por meio desse método, o indivíduo tem a liberdade de falar à vontade sobre o tema que lhe for solicitado pelos pesquisadores, e não há necessidade de comprovação da veracidade dos fatos: “o pesquisador acredita no sujeito” (DE ABREU, 2004, p.43).

A coleta dos dados consistiu-se na aplicação de questionários a professores das universidades públicas e privadas do país que atuam nos cursos superiores de Turismo. O questionário foi construído a partir de perguntas abertas e fechadas com a finalidade de se registrar os dados socioeconômicos relacionados ao lazer dos professores assim como as condições de trabalho. Buscou-se obter o mesmo número de pesquisas de professores de IES públicas e privadas - embora não se tenha conseguido por existirem mais IES públicas que possuem cursos de Turismo - também criar alguns outros critérios como diversidade de faixa etária, de sexo e se tinham filhos. A ideia em diversificar deveu-se à possibilidade de se ter uma amostra mais condizente com o perfil da categoria de professores e a análise dos dados foi

realizada pelo explicitado método da história de vida. Na primeira pesquisa obteve-se 29 respostas e na segunda 13 respostas.

### **3 O professor como trabalhador da educação superior no Brasil**

Trabalho e educação são atividades especificamente humanas, inexistem fora do que se concebe como humanidade. É o trabalho que humaniza os homens e as mulheres ao transformar a natureza para garantir o atendimento às suas necessidades e, por conseguinte, produz sua maneira de ser. Para Marx (2001), no ato de criar e recriar-se pelo trabalho, o homem e a mulher humanizam a natureza e esta relação lhes oferece a condição de trabalhar e se educar porquanto que se constrói e transmite o conhecimento necessário à sua existência. É neste ato que ocorre a humanização, tornando-os diferentes dos demais animais. Tal processo tem levado à produção e acúmulo de conhecimentos, permitindo que as suas capacidades de organização da sua produção e existência sejam adequadas segundo as necessidades que lhe surgem e os valores estabelecidos pelos interesses dos que detêm o poder.

A educação é entendida então, como um processo que permite ao ser humano tomar consciência de si, de sua história enquanto sujeitos, de seu território, de seu mundo, das diversidades culturais, das contradições presentes nas sociedades, entre tantas outras questões que podem levar ao desenvolvimento de políticas e ações que alterem o quadro social e econômico existente nas sociedades hodiernas. Corroborando assim com Freire (1996), quando que explicita que é a educação libertadora aquela que tem a intenção de inquietar.

Naville e Friedman (1992) apontam que todo profissional, não importando qual ramo de atividade e qualquer emprego, é o trabalhador que espera ter uma experiência educacional que corresponda à sua formação e o determinante de sua profissão, e Gramsci (1980) assinala que a categoria dos intelectuais surge historicamente no modo de produção estamental como segmento autônomo e independente na Idade Média. Atualmente, os intelectuais exercem um papel na divisão social do trabalho, entre eles, o professor. Isto posto, pode-se entender o professor como um profissional que exerce na sociedade a função de ser o trabalhador da educação. Suas atividades profissionais de acordo com o parecer CNE/CP 009/2001 (BRASIL, 2002) são para exercer a regência, atuar junto à comunidade, fazer

pesquisa, envolver-se com processo de educação continuada e atualização profissional. Sua educação deve ser flexível para que possa atuar em diferentes instituições atendendo a estudantes que tenham diversas necessidades, fazendo o uso de tecnologias da informação e administrando situações escolares, muitas vezes, em um contexto que apresente precariedade de salário e das condições de trabalho (MAIA; BERNARDO; BRIDI, 2020).

Seu trabalho será exercido por meio de uma relação entre as IES com a sociedade. Antes os objetivos desta relação eram direcionados ao bem comum da sociedade, mas atualmente, tem uma finalidade voltada para o mercado (CHAUÍ, 2003). Nesta presente relação, há a tendência para o abandono das questões da cultura, da filosofia e do pensamento crítico em prol das questões meramente técnicas visando resolver problemas práticos e localizados (SANTOS, 2004).

De acordo com o Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (BRASIL, 2018a), no país existiam 384.474 professores atuando no ensino, sendo 173.968 professores em IES públicas e 210.606 professores em IES privadas em 2018. Não há um dado que possa identificar o número de professores nos cursos de Turismo. Os estudos do Inep não categorizam esta informação por cursos, além das implicações dos cursos à distância serem, muitas vezes, ministrados por tutores ou mediadores e não docentes.

Mas, é possível dimensionar o número de cursos de Turismo no Brasil, tanto nas modalidades presencial e a distância, como nas formações: bacharelado, licenciatura e tecnólogo. Segundo pesquisa realizada no Cadastro Nacional de Cursos de Educação Superior – e-MEC (BRASIL, 2018b), em 2018, existiam 150 cursos de Bacharelado, 109 Tecnólogos e dois de Licenciatura, totalizando 261 cursos no Brasil.

Supondo que cada curso possui em média 10 professores, ao menos, haveria 2.600 profissionais atuando nestes cursos, distribuídos pelas áreas de formação em Turismo, Hospitalidade e Lazer. Encontram-se em todos os estados do país, sendo 18 na Região Norte, 57 na Região Nordeste, 125 na Região Sudeste, 41 na Região Sul e 22 na Região Centro-Oeste.

Quando os cursos na modalidade a distância foram instalados, o número de professores por estudantes diminuiu. Portanto, frente ao cenário apresentado sobre os cursos de Turismo no Brasil, coteja-se que, atualmente, há menos oferta de trabalho para os professores

com a educação superior em Turismo com a entrada dos cursos em EAD e a própria pandemia. Estas condições, aliadas a outras anteriores, certamente trouxeram adversidades à classe dos professores.

#### **4 O espaço de trabalho, moradia e lazer do Professor Universitário**

Ao se tratar sobre o espaço para exercer a função docente, os professores das IES públicas, principalmente com carga horária de 40 horas, quase sempre, possuem gabinete de trabalho individual ou coletivo onde passam grande parte do tempo de seu trabalho, e os outros tempos em salas de aulas, ou, reuniões, ou, ainda em atividades externas. Nas IES privadas, amiúde, há somente as salas de professores coletivas, mas as outras atividades são iguais. Trabalhar em recintos na própria IES permite que a rotina da casa seja distinta. Em geral, os filhos fazem uso dos espaços da casa durante a ausência de seus pais, ou os professores possam-se valer dos ambientes das residências para trabalhar, quando os filhos estão na escola. Com o isolamento, o espaço familiar compartilhado tem demonstrado que a falta de exclusividade para o trabalho de todos pode ser um problema para desenvolverem suas funções, pois, nem sempre possibilita conciliar os horários de trabalho e/ou de estudos.

Os ambientes familiares compartilhados foram construídos historicamente a partir dos espaços organizados de maneira aberta no período medieval, onde todos conviviam sem haver um centro da organização até chegar nas às organizações das famílias em torno das crianças, na segunda metade do século XVII. Nesta época, surge a necessidade de delimitar o espaço particular no contexto doméstico criando cômodos próprios onde era possível usufruto da privacidade da família (ARIÉS, 1981).

É neste ambiente de intimidade que a família passou a se responsabilizar ainda mais pela educação das crianças. Ao que se percebe, a família foi se moldando em função das conjunturas históricas e de sua prole, adaptando-se às novas situações sociais e culturais no decorrer dos tempos. Na contemporaneidade, as famílias se apresentam com número menor de filhos, em formatos mais diversificados que podem incluir vários arranjos e uma aproximação maior de convivência entre pais, mães e filhos.



Mesmo havendo uma grande diferença de salários entre os professores universitários, a média bruta salarial de um professor da rede federal de ensino é de R\$ 13.626,00 (BRASIL, 2020b), o que é equivalente às redes estaduais e, na rede particular em média o menor salário em IES de pequeno porte é de R\$ 2.579,41 e em IES de grande porte é de R\$ 10.642,58 (BRASIL, 2020b). Assim, se considera que este profissional pertenceria à classe 'D', 'C' e 'B' de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020a), que classifica os incluídos à classe 'D' quem tem renda entre 2 e 4 salários-mínimos; classe 'C'; entre 4 e 10 salários-mínimos; e 'B' entre 10 e 20 salários-mínimos.

Nestas condições sociais, as famílias poderiam morar em apartamentos ou casas com espaços tradicionais, estipulados pela cultura contemporânea urbana. Os ambientes domésticos no Brasil, para Veríssimo, Alvarez e Bittar (2001), geralmente são compostos por um setor social que faz a transição entre o exterior e o interior e é pensado de modo a demonstrar ao visitante os valores e recursos da família. Com a diminuição do tamanho dos espaços de moradia, na contemporaneidade, passaram a ser também espaços de convivência da família. O setor íntimo composto por quarto(s) e banheiro(s) ganhou multiplicidade de funções, tornando-se local de estudo, lazer e de trabalho, além de descanso e higiene, e por fim, o setor de serviços.

As condições impostas pelo isolamento social afetaram as práticas do lazer, fazendo com que elas coexistirem no mesmo tempo e espaço do trabalho, agora o lar. Como visto, este espaço passou a se configurar como um ambiente de múltiplas dimensões sociais e o único lugar seguro para viver socialmente, gerando uma fusão entre a vida profissional, familiar e íntima. Ao ter a possibilidade do lazer doméstico e convivendo com o trabalho, a vida do professor foi muito alterada.

O lazer é uma dimensão social que auxilia no desenvolvimento da educação, na aquisição de conhecimento e na autonomia do indivíduo, sendo um direito social garantido pela Constituição Brasileira de 1988. Camargo (2003) entende que o lazer é o tempo livre vivenciado fora das obrigações laborais e o tempo de lazer composto por certa liberdade de escolha pessoal com vistas ao bem-estar pode-se denominar de vivências de atividades de lazer. Com isso, o lazer é compreendido como um espaço de vivências culturais de um tempo "livre", mas relacional com as obrigações profissionais, religiosas, fisiológicas, escolares, familiares e sociais.



Gomes (2014) adverte que o trabalho e o lazer não estão na esfera opostas, mas há múltiplas dimensões da vida coletiva em diferentes âmbitos e contextos no século XXI. Assim, ao refletir sobre o lazer dos professores deve-se considerar que o lazer se constitui de relações dialógicas com as dimensões da vida. Aqui não é a contraposição de ambos que se estuda, mas como o espaço físico que era usado apenas em algumas horas como espaço laboral, (já que a profissão do professor o obriga a desenvolver atividades em casa), passa a ser único espaço por ele usado. E o lazer que podia ser usufruído fora de casa, agora somente pode ser nela usufruído.

Foi apontado por Clemente e Stoppa (2021), que durante a pandemia criou-se vivências que antes eram realizadas presencialmente e tiveram que ser transferidas para o ambiente virtual. Eles citam as *lives* de shows; concertos, tours virtuais, aulas de gastronomia e de ginástica entre outros.

Uma das vivências de lazer, as viagens dos brasileiros, foi objeto de pesquisa do IBGE. Ao pesquisarem 15,8 milhões de domicílios brasileiros, verificaram que foram realizadas 21,4 milhões de viagens e entre elas, 86,5% foram por motivos pessoais, sendo que 36,1% foram motivadas por lazer. Os que não viajaram por impedimentos (falta de tempo, dinheiro, problema de saúde) e/ou por não estarem motivados para viajar corresponderam a 62,6% (IBGE, 2020b). Assim, entende-se que havia interesse na viagem e que uma boa parcela dos brasileiros tem o hábito de viagens como atividade de lazer.

## 5 Resultados e discussões

Nesta seção, apresenta-se apresentam-se os resultados da pesquisa a partir da análise do espaço físico e virtual do professor universitário e a pandemia, subdivididos em espaço de trabalho e moradia, vivências de lazer, do espaço físico para trabalhar e a convivência familiar no isolamento e o lazer e da manutenção da saúde física e mental. Informações que foram complementadas com o depoimento em profundidade sobre o lazer, o professor e a pandemia da Covid-19.

Em 2020, obteve-se 29 respostas e dentre os depoentes que possuem filhos (sete depoentes), 18,2% encontram-se na faixa entre zero a 5 anos; 45,5% entre 6 a 10 anos; 27,3% entre onze a quinze anos; 9,1% entre 16 a 21 anos. Ao responder sobre com quem residem, os



depoentes informaram que 34,55% com companheiro(a) e filho(s), na sequência 24,1% só; 20,7% com o companheiro; 10,3% com outros e 3,4% com amigos, a mesma porcentagem com companheiro e outros e só com os filhos. A faixa etária predominante entre os depoentes é entre 31 a 50 anos (58,6%).

Na segunda pesquisa (2021) obteve-se 13 respostas e entre os que possuem filhos onze depoentes), estes encontram-se nas faixas entre zero a cinco anos, 28,6%, entre 6 a 10 anos entre, 42,9%, entre 11 a 15 anos, 14,3% e mais de 21 anos, 14,3%. Quanto ao questionamento com quem reside, 53,8% com companheiro(a) e filho(s), na sequência 23,1% com outros e 15,4% com o (a) companheiro(a) e a idade predominante dos depoentes situou na faixa entre 31 a 50 anos (69,3%).

Os depoentes das duas pesquisas constituem-se, em sua maioria, por mulheres, sendo 58,6% na primeira e 61,5% na segunda e predominou nas duas pesquisas o estado civil casado(a), sendo 42,2% na primeira e 46,2% na segunda e, na sequência, 31% solteiro (a) na primeira e 30,8% na segunda.

Durante a segunda pesquisa questionou-se se os professores haviam sido vacinados e 84,6% afirmaram que sim com a primeira dose e 15,4% que sim com as duas doses.

Os dados a seguir serão aqui analisados de forma combinada, com a interpretação e contextualização das respostas obtidas nos dois momentos da pesquisa e os depoentes (que serão identificados por números arábicos) residem em todas as regiões brasileiras.

### 5.1 Espaço de trabalho e a convivência familiar no isolamento

O fechamento das escolas e o isolamento social colocaram pais e filhos em uma rotina incomum. As crianças e adolescentes que faziam estudos de maneira presencial nos espaços escolares passaram a estudar em casa, com isso, a mesa da sala de jantar deu lugar à sala de aula improvisada. Em alguns casos, tiveram que dividir com o espaço do *home office* de seu pai e/ou mãe, como apontado pela depoente '7', "Não tenho espaço exclusivo para o trabalho em casa, todos os espaços são compartilhados. Era possível trabalhar em casa com concentração quando eu contava com as horas na escola e com os serviços da faxineira." E



complementa a depoente '3': "Não tenho espaço para o trabalho em casa, divido com o resto da família." Bem que muitos professores possam contar com alguns ambientes domésticos mais apropriados como escritórios, mesmo assim, estes nem sempre têm espaços para todos os membros da família trabalhar simultaneamente, como explicita a depoente '14':

*Embora meu apartamento tenha 140 m<sup>2</sup> e um escritório, antes do isolamento social apenas a minha filha usava o escritório diariamente, com a necessidade de três pessoas trabalharem em casa, meu marido colocou uma nova escrivaninha no escritório onde passou a trabalhar e eu só tive espaço para colocar outra na sala onde trabalho. A sala tem vários inconvenientes como barulho, pessoas passando enquanto você está conversando com alguém pelo computador, por exemplo. Por outro lado, priva a família do seu espaço de convivência, pelo trabalho professor poder ocorrer à noite.*

Apesar de muitos ainda estarem em ensino remoto, algumas escolas retornaram e os filhos voltaram às aulas, diminuindo a divisão dos espaços. No entanto, 76,9% dos professores continuam seus trabalhos remotamente e 15,4% em ensino a distância, apenas 7,7% um misto de remoto e presencial, logo, a maioria depende de sua estrutura domiciliar. Outra questão refere-se aos professores que estão gravando aulas em casa e transformando suas salas, quartos e outros cômodos em estúdios improvisados.

Mesmo após um ano e quatro meses de isolamento, os professores que possuem filhos pequenos ponderam as suas dificuldades como o depoente '34' "desafiador a situação e muitas vezes, estressante". Assim, conciliar a rotina de trabalho do professor com a vida escolar e educação dos filhos durante o isolamento social não tem sido fácil. O que pode ser observado na fala do depoente '36', "Um verdadeiro desafio. Trabalhar de forma remota com muitas reuniões e atividades, fazer todas as atividades de rotina da casa (antes da pandemia comia muito fora e tinha faxineira), dar atenção à criança, ministrar aula para a criança."

Este tipo de relato foi bastante presente tanto nesta pesquisa quanto nas pesquisas estudadas, como pode ser notado na fala da depoente '5', sobre o impacto da Covid-19 em sua vida cotidiana:

*O primeiro deles é essa situação de teletrabalho/cuidados domésticos/cuidados com a criança no mesmo espaço-tempo. As três atividades, se bem desenvolvidas, não cabem no espaço-tempo das 24 horas diárias e um apartamento de 80 m<sup>2</sup> no qual não há espaço privado/exclusivo. Para mim, como mulher de classe média, não poder contar com os serviços da faxineira e com o horário de escola da criança representa uma enorme sobrecarga somada ao teletrabalho. Me percebo mais desatenta, mais impaciente, mais intolerante, mais cansada, mais em dívida com os outros, mais culpada.*



Os professores apontaram dificuldades em cuidar das crianças. Quando estão sem aula e sem poder sair de casa, acabam ficando mais tempo assistindo televisão como aponta a depoente '2': *“No entanto, a TV se tornou uma aliada essencial nesse momento em que fomos obrigados a fazer teletrabalho. Tento reservar momentos de atenção a ela, mas frequentemente sou atropelada por demandas de trabalho e/ou de cuidados com a casa”*, e outro depoente escreve *“Porque é difícil se concentrar com a criança toda hora pedindo atenção e ainda supervisionar os estudos dela.”* Todavia, o depoente 12 respondeu que *“considera tranquilo o relacionamento com o filho”*, e o depoente '8' aponta que *“está fácil”* pelo filho ter 11 anos e ser mais independente.

É possível, nos casos estudados, verificar que professores com filhos menores estão com mais dificuldades do que professores com filhos mais velhos em razão de pelos pequenos exigirem mais atenção. No ensino remoto o pai e/ou a mãe passa a exercer o papel de tutor além da sua atividade docente, principalmente, com as crianças pequenas. De acordo com Carvalho (2003), a criança necessita das relações sociais e da mediação para se desenvolver e na ausência presencial dos colegas e do professor, os pais passam a ocupar este lugar. Apesar de ser papel dos pais acompanhar os estudos de seus filhos, eles não estão preparados para exercerem o papel de educadores escolares. Mesmo sendo professores, podem se encontrar na mesma situação dos pais não docentes, pois sua formação não é a de educador infantil.

Citando relatos positivos, levantou-se se percebeu que alguns professores conseguiram criar acordos para o convívio familiar definindo prioridades, como aponta a depoente '6': *“Conseguimos definir ao menos horários das aulas e reuniões”* e o fato de possuir *“uma internet boa e equipamentos para todos facilita”* e condiciona os resultados à tecnologia que possuem. Outra professora relatou: *“Obtive ajuda da família e de uma ajudante diarista. Mas minha bebê chorava muito e precisava preparar a aula e ver o que estava acontecendo.”* Verificou-se que apesar de receberem ajuda externa não foi uma tarefa fácil estar em casa e precisar trabalhar e cuidar dos filhos ao mesmo tempo. Ainda sobre a ajuda externa, alguns professores com filhos pequenos os deixam com familiares, trabalhadores domésticos ou creches e/ou escolas quando vão trabalhar, não sendo mais possível fazê-lo durante o período de isolamento social e o fechamento das creches e escolas.



As escolas foram retornando suas atividades em 2021, o que facilitou a vida dos professores, como aponta o depoente '1': *“Agora que as escolas voltaram está mais fácil. Tenho gêmeos de 2 anos e outro de 8 e o tempo na escola ajuda muito.”* Percebeu-se que o retorno às aulas foi positivo para os professores e seus filhos. Atenta-se que o retorno não foi integral, muitas escolas voltaram com rodízio e os filhos ainda estão estudando alguns dias em casa.

Dados apresentados pela pesquisa da consultoria IDC (2020) apontaram que no primeiro semestre a venda de computadores foi de 1,47 milhão de unidades, com alta de 16% em relação ao mesmo período no ano anterior. As empresas de telefonia móvel tiveram aumento na ampliação dos pacotes de dados pelo maior número de usuários simultâneos e de tipos de comunicações que precisam de uma internet mais veloz.

Muitos professores possuíam algum computador em sua casa para seu trabalho fora da IES. Todavia, o uso dos computadores era limitado por realizar parte de suas atividades docentes nas IES. Geralmente os professores possuem computadores de uso doméstico com duração média de até quatro anos, se o uso diário for de quatro horas. Somente computadores corporativos, que custam bem mais, suportam jornadas de trabalho longas.

Ao ter que trabalhar mais que quatro horas diárias em suas residências, muitos professores alegaram que tiveram que trocar seus computadores ou equipamentos domésticos compartilhados com a família e/ou investir em outro computador para a família por ele e, às vezes o(a) seu (sua) companheiro(a) em *home office* e o(s) filho(s) em ensino remoto, como explica a depoente '3': *“inicialmente, foi difícil, pois o computador precisava ser dividido com minha filha. Agora conseguimos um laptop para ela e isso facilitou muito.”* E o depoente 8 escreveu: *“Difícil conciliar a rotina de trabalho e de estudos com a vida escolar e educação dos filhos, pois tenho que dividir os equipamentos.”* Para a depoente '10', *“Compartilhar os equipamentos eletrônicos é outro problema neste período. Deixo de trabalhar nos horários de aula online da minha filha, pois nesse momento ela está usando o meu notebook. Para ela, que tem apenas 6 anos, o uso de aplicativos como Zoom ou Google Meet é mais fácil pelo computador do que pelo smartphone.”*

Mas não foi apenas o computador que precisou ser trocado ou adquirido. Microfones, câmeras, recursos para gravação, pacotes de plataformas, mouses, ampliação dos



pacotes de dados da internet, monitores, mobiliário como escrivaninha, cadeiras e suporte para pés. Em muitas IES, estes custos ficaram a cargo do próprio professor e em algumas, foram proporcionados equipamentos como *mouse*, *mouse pad*, suporte para os pés, mas os computadores, a internet, o consumo de energia, na maioria dos casos, foram e estão sendo pagos pelos próprios professores. Como discorre o depoente '4': *“o único computador da família passou a ser dividido e a banda de internet teve que ser aumentada, esta ação acabou gerando um gasto a mais, além dos custos no aumento com a ampliação dos pacotes de dados para mais pontos de internet.”* Não foi citado, mas provavelmente, os professores que não possuem mobiliário ergonômico, ao ficar tantas horas trabalhando, por poderem desenvolver algum problema postural, adquirem cadeiras novas para trabalhar em casa.

## 5.2 Lazer e manutenção da saúde física e mental.

Entre as atividades de lazer apontadas na primeira pesquisa, a leitura aparece como atividade preferida da maioria dos professores e na segunda pesquisa desponta a assistência a tv (streaming e/ou aberta), alternativa que estava em segundo lugar na pesquisa do início da pandemia. A segunda pesquisa também alterou a posição da leitura, que passou para a terceira posição juntamente com nenhuma das anteriores. A prática de atividades físicas manteve-se igual. Na segunda pesquisa aparecem vivências de lazer praticadas fora de casa (frequências a parques e compras), que não haviam sido citadas na anterior. Pode ser que o motivo da citação esteja associado à abertura destes espaços já ter ocorrido quando a segunda pesquisa foi realizada. Cozinhar, fazer artesanato e navegar nas redes sociais constam na primeira pesquisa, mas não na segunda, o mesmo ocorre com jogos de tabuleiro ou cartas, conversas com familiares e observando mais seu pet. Tocar violão aparece na segunda pesquisa e não fora citado na primeira pesquisa.

Pesquisa realizada pela Opinion Box (2020) mostra que muitos brasileiros acabaram encontrando no isolamento social uma oportunidade para que novas atividades de lazer fossem exploradas. A leitura, a mais citada entre os professores na primeira pesquisa, está em quarto lugar na pesquisa aludida (44% da população brasileira é leitora). A segunda opção de lazer mais apontada pelos depoentes na primeira e na segunda pesquisa foi assistir séries em

tv por assinaturas ou por banda larga. As empresas Nielsen Brasil e Toluna (INGIZZA, 2021), juntas, realizaram uma pesquisa sobre hábitos e tendências em 2020 e assinalaram que 42,8% dos depoentes assistem conteúdo todos os dias, enquanto 43,9% têm essa prática pelo menos uma vez por semana, sendo o meio preferido entre os depoentes. Entre os mais jovens predominam as plataformas de *streaming*, os mais velhos preferem a tv a cabo, e os acima de 56 anos a tv aberta, corroborando os dados dos professores.

A terceira opção indicada na primeira pesquisa pelos professores como atividade de lazer durante a pandemia foi cozinhar. Pesquisa realizada pela consultoria Galunion, especializada em *food service*, em parceria com o Instituto Qualibest (INSTITUTO QUALIBEST/GALUNION, 2020), apontou que 90% das pessoas estão evitando comer fora durante a pandemia. Preocupações com a saúde, segurança e solidariedade são as grandes razões para as mudanças de comportamento. A pesquisa revelou que 93% estão preparando comida no lar.

Quando questionado na primeira pesquisa sobre as viagens, apurou-se que a maioria viajava, antes da pandemia, duas ou três vezes ao ano e havia parado de viajar. Dois depoentes apontaram que não sentiam falta, mas alguns ao contrário, como o depoente '4', que escreveu: "Viagens de curta distância eram quinzenais/mensais. Também viajava para congressos ou a lazer, indo a outros estados ou fora do país, de 2 a 3 vezes por ano. Aqui em casa sentimos muita falta de viajar. Mas sentimos mais falta ainda de circular livremente pela cidade em que moramos. Frequentemente a criança brinca "de viagem".” Para o depoente '9', "*A falta de perspectiva de viajar é muito deprimente.*" Na segunda pesquisa, 38,5% dos depoentes não viajaram ainda; 15,4% viajaram semestralmente e a mesma quantidade em períodos espaçados, embora com representatividade pequena, há quem viaje quinzenalmente.

### 5.3 Depoimento em profundidade sobre o lazer, o professor e a pandemia da Covid-19

Ainda chamou a atenção do grupo a resposta de uma professora sobre as suas atividades de lazer durante a pandemia. Com a sua autorização, foi realizada uma entrevista para detalhamento das informações que constavam no questionário. A entrevista ocorreu nos dias 10 de agosto de 2020 e 10 de julho de 2021. A professora relatou ter muitas dificuldades



em relação ao lazer na pandemia, pois descobriu nesse período que há muito tempo não desfrutava de atividades de lazer em seu tempo livre, convertido em tempo de trabalho.

Com o afastamento obrigatório do trabalho e a necessidade de isolamento social provocada pela pandemia, contou-nos a professora que não conseguia encontrar formas de lazer em casa, não só pelas demandas de trabalho doméstico com toda a sua família trabalhando, estudando e fazendo todas as refeições em casa, vivendo num apartamento na zona urbana de uma grande cidade, como também por sentir culpa de ter momentos de lazer.

A depoente fez a seguinte declaração sobre seu ritmo de trabalho:

*Eu não consigo parar. O trabalho doméstico e o trabalho remoto me absorveram completamente. Tratei de me colocar em situação permanente de trabalho, achando que teria que dar respostas imediatas à sociedade sobre receber salário e não ir dar aulas presenciais, sentindo-me desconfortável com muitas declarações públicas que desconfiavam da produção do professor durante a pandemia. Essa situação me trouxe intenso conflito mental e familiar. De um lado, uma autocobrança de correr atrás, me informar, fazer muitos cursos de educação a distância, da minha área de formação e das disciplinas que leciono. Do outro lado, atropelo do tempo de dedicação à família, para dar mais conta do trabalho. Vontade de recuperar o tempo perdido, de acompanhar o ritmo dos colegas da minha e das outras IES, pois não dou conta de criar criança pequena e ter a alta produtividade dos demais em relação à publicação em periódicos de alta conceituação na área, inclusive internacionais, embora eu não parei de trabalhar e me dedique muito ao meu trabalho. Outro problema que me acompanha, específico do meu curso, que é Turismo, é a falta de viagens recorrentes. Pensei nesse tempo em suprir essa falta da viagem estudando mais os destinos e me atualizar sobre eles. Também não tenho divulgado meu trabalho no mundo das mídias sociais e me sinto desatualizada na comunicação com os alunos e com a sociedade. Por fim, pensei nas adequações das aulas ao modo remoto. Pensei ser esse o tempo para conseguir tudo isso.*

Em relação ao lazer, a professora declarou apresentar dificuldade em saber quais seriam as atividades que lhe permitiriam a fruição do tempo livre:

*A minha vida era organizada em torno do trabalho e não tinha muita consciência da importância do lazer para mim. Sempre trabalhei nos finais de semana e até muito tarde da noite, sem criar separação entre o espaço da casa e o espaço do trabalho. A pandemia, nessa questão de adaptação ao trabalho em casa, para mim não trouxe dificuldades. Já trabalhava em casa sob intensa movimentação da família e barulhos externos. É difícil, mas já me acostumei. A novidade e o desafio eram conciliar com todos disputando os mesmos recursos e espaços para trabalho e atividades escolares e ter que acompanhar o ensino escolar do meu filho em casa todos os dias da semana, o que acontecia, obviamente, em outro endereço e longe de mim.*

A entrevistada aborda sobre o lazer como um dos pilares da saúde mental e assim se refere:

*Li muito sobre manter a rotina e ter atividades de lazer durante a pandemia. Tentei assistir uma série na tv, mas o hábito de parar para ver filmes não fazia parte da minha vida há anos. Tentei buscar revistas na internet, ouvir músicas, mas já não*

*sabia mais qual era o meu gosto. Passei então a ver séries na Netflix enquanto cozinhava e vários pequenos acidentes na cozinha aconteceram. Percebi que isso não era lazer. Era sobrecarga de atividades. Eu não descansava. A minha sensação de desatualização em relação ao trabalho também se transferiu para o lazer. Comecei a achar que eu não tinha mais interesse por nada, nem sabia onde procurar e isso me angustia.*

A sensação de culpa em ter um momento de lazer foi várias vezes enfatizadas pela professora, em diferentes situações em que tentou se desconectar um pouco do excesso de atividades laborais, as quais, como ela mesma frisou, foram demandas de sua própria consciência, de sua sensação de desatualização e improdutividade, embora, paradoxalmente, produzisse até mesmo durante os finais de semana e madrugadas. A professora continua:

*Quando eu era criança, tinha o hábito de se sentar na varanda de casa com uma cadeira de praia. Comprei uma cadeira dessas, alguns anos atrás, nessa intenção. Na minha casa também tem uma rede. Numa manhã, acordei com muita disposição e felicidade para sentar-me na cadeira de praia e tomar sol. Tinha planos de no fim da tarde ver o pôr do sol da varanda, deitada na rede. Por várias vezes tentei nesses meses de pandemia, mas me levanto na mesma hora, ligo o computador e, se estiver ocupado, vou para o celular trabalhar de lá. Recorro também a cadernos e registro coisas de trabalho a mão quando não posso usar o computador e o celular não está carregado. Me sinto culpada de não estar trabalhando toda vez que tento parar um pouco o trabalho para respirar. O trabalho se intensificou muito mais desse jeito, porque agora já não tem mais o tempo do deslocamento para o trabalho e a volta para casa, a parada para almoço e os intervalos no trabalho presencial. Ganhei esse tempo para trabalhar mais de casa. Confesso que estou mentalmente cansada e o corpo também dá sinais. Oficialmente ainda nem tivemos o período letivo que acabaria em julho, mas eu não parei e estou cansada. E não teremos férias.*

Perto de completar 1 ano do depoimento da professora, retoma-se o canal de escuta para acompanhar a sua dinâmica de vida no percurso desse tempo. Em novo depoimento, a professora avaliou que:

*O depoimento no ano passado me tocou profundamente. Ali me dei conta que eu vivia muito mais em função do cumprimento dos meus diversos papéis sociais e deixava de lado o autocuidado, o descanso e o lazer. Percebi também que com a pandemia e a nova configuração do lar, a exaustão, o excesso de preocupações, o medo e a insônia tomaram conta de mim. Senti que eu precisava fazer alguma coisa, mas ainda não sabia o que, em meio ao caos doméstico, político, social e sanitário. Foi o começo para uma virada de chave, mas tive ainda muitas recaídas, principalmente com o início das aulas remotas e o constrangimento de estar ao vivo com a minha casa exposta, os barulhos e até acidentes domésticos presenciados pelos alunos. Perdi completamente a autoconfiança e tinha muitas crises de ansiedade e pânico. Busquei ajuda médica e de outros profissionais e com o passar dos meses, procurei me permitir aprender a ter algum momento de lazer, assistir a um filme, aprender a ter hábitos de autocuidado, fazer meditação diariamente e até arrisquei sair em alguns momentos. Não é fácil inverter a lógica aprendida ao longo de uma vida inteira, de cobrança pela produtividade, por resultados e cuidados dos outros, que me faziam*

*evitar momentos comigo mesma. Mas agora estou mais consciente disso. É um aprendizado diário.*

Retomando o olhar de Daniel Bertaux (COSTA; SANTOS, 2020), os relatos de vida contribuem para a “consideração da temporalidade e da historicidade dos mesocosmos sócio-históricos que compõem o macrocosmo social.” Isso nos permite notar que os relatos que os professores trazem sobre as suas experiências testemunham recortes da vida cotidiana no Brasil no contexto da pandemia. Demonstram também condições bem difíceis na adaptação em um período extraordinário naquilo que era ordinário. Nem sempre o seu trabalho pode ser exercido no espaço que possui em casa, ou com seus equipamentos. O dividir, o compartilhar, embora possa ser bom, às vezes, tornou-se muito difícil. O lazer descortinou lembranças, descobertas, mas também nem sempre foi prioridade. As escutas apontam e registram falas de pessoas que entre outras identidades que possuem, acumulam a de professores em tempos de pandemia, e estimularam a autorreflexão e a tomada de consciência, como apontado nos depoimentos da professora.

## **6 Considerações finais**

Neste artigo objetivou-se destacar um ator pouco privilegiado nos estudos turísticos e na sociedade brasileira, mas de fundamental importância na formação global dos profissionais e pesquisadores do setor, o professor universitário.

As condições de trabalho, sociabilidade, saúde, espaço e lazer durante a pandemia do trabalhador professor de Turismo, especificamente o que atua na educação superior, foram investigadas, discutidas e contextualizadas, ao mesmo tempo em que se procurou construir um canal de escuta para que esses homens e mulheres pudessem expressar os seus pontos de vista e elaborassem a sua memória sobre a pandemia, relacionada ao seu fazer profissional e às suas dinâmicas de vida familiar e de lazer.

A pandemia e o distanciamento social imposto a todos, retomam a questão do espaço-tempo da vida privada, do trabalho e do lazer, até então vivenciados, parcialmente, em espaços e tempos separados. Ao ocorrer à fusão e ter a casa como referência de todos esses espaços, somados às mudanças na forma de entregar o trabalho, espaço escolar dos filhos,

cônjuges e familiares, suscita-se a necessidade de estudos que contemplem o professor em sua vida profissional, sua qualidade de vida e no seu lazer.

Acredita-se que ao optar pelo enfoque do professor universitário de Turismo como centro da investigação deste estudo a respeito das vivências do lazer de uma categoria profissional durante a pandemia, sendo também docentes desses cursos, além de pesquisadores e muitos com cargos de gestores em IES, suscita-se a reflexão e a autorreflexão sobre o que cada um está fazendo com suas vidas individual e coletivamente, com o descanso e o lazer como direitos inalienáveis do cidadão e o quanto o trabalho que invade a esfera do privado e a esfera mental.

Questões como o apoio referente aos materiais e equipamentos de trabalho não foram aportadas, como se pode observar nos relatos apresentados. Os professores tiveram que, mais uma vez, se desdobrar para apoiar os estudantes, desenvolver material às pressas, mas antes aprender sobre novas técnicas e recursos educacionais. Doar-se infinitamente pelo seu trabalho e pelo outro, levando a choques e conflitos relacionados ao seu próprio ambiente e, como também familiares e ao seu próprio limite.

Passados dezoito meses entre o início da pandemia e a escrita deste trabalho, é importante a continuidade das investigações que acompanhem a vida dos professores frente às novas dinâmicas que se estabelecerão no percurso da pandemia. Recomenda-se o olhar atento para a vida pessoal; a ampliação da cobertura vacinal no país (atingindo a faixa etária dos seus alunos e dos seus filhos menores); os debates sobre a retomada das aulas presenciais; as preocupações com as novas variantes da Covid-19; a desmotivação de parte dos discentes frente à falta de perspectivas de trabalho no Turismo; as mudanças no ensino; na pesquisa, na extensão e nos currículos, entre outras questões. Esses novos estudos possibilitaram um retrato expandido das formas de viver, trabalhar e resistir dos docentes de Turismo na pandemia.

Como consequências positivas observou-se que houve a aquisição de novos conhecimentos por parte dos professores para lidar com o ensino remoto. Muitos que não atuavam em ensino a distância acabaram participando de capacitações para aulas em ambientes virtuais e vídeo aulas; aprendizados em trabalhar em *home office*; repensar a área de turismo e o curso diante dos novos olhares despertados na crise; na vida doméstica aparece a presença maior dentro de casa e um estresse menor sem o deslocamento para o trabalho, bem como novas

vivências de lazer. Portanto, o trabalho aumentou, as questões familiares ficaram misturadas com as questões laborais, os papéis exercidos como mães e pais foram diferentes do que em momentos de crise.

## Referências

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 009/2001, de 08 de maio de 2001. Dispõe sobre as Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, cursos de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União. **Diário Oficial [da União]**, seção 1, p. 31,18 jan. 2002. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**. Brasília, 2018a. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2018**. Brasília: INEP, 2018a. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 19/2020, definiu as Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, consoante o Projeto de Resolução a ele anexo, conforme consta do Processo nº 23001.000334/2020-21. **Diário Oficial [da União]**, edição 236, seção 1, p. 106 10 dez. 2020. Brasília, DF, 2020a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP Nº 2 de agosto de 2021, que Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar. **Diário Oficial [da União]**, edição 148, seção 1, p. 51, 06 ago. 2021. Brasília, DF, 2021.

BRASIL. **Trabalha no Brasil**. Salário de Professor. Brasília, 2020b. Disponível em <https://www.trabalhabrasil.com.br/media-salarial-para-professor>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

CARVALHO, M. Por que as crianças gostam de áreas fechadas? Espaços circunscritos reduzem as solicitações de atenção do adulto. *In*: FERREIRA, Maria Clotilde Rosseti. **Os Fazeres na Educação Infantil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. cap.47.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *In*: Reunião Anual da ANPED, 24, set/out/nov/dez, 5-15, 2003. Poços de Caldas. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPEd. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

CLEMENTE, A. C; STOPPA, E. A. Lazer doméstico em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista do programa de Pós-graduação interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v.23, n. 3, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25524>.

COSTA, L. R.; SANTOS, Y. G dos. O “relato de vida” como método das ciências sociais: Entrevista com Daniel Bertaux. **Tempo Social**, v. 32, n. 1, jan-abr.2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2020.159702>

DE ABREU, W. F. História de vida como metodologia de pesquisa: o relato de vida de um menino de rua da Praça da República em Belém do Pará. **Revista Margem Interdisciplinar**. v.1, n.2, p.41-55, 2004.

FERREIRA, H.; FONSECA FILHO, A. Dilemas, expectativas e perspectivas sobre o ensino superior de turismo e hospitalidade em tempos de Covid-19. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**. v. 14, p.29-49, 2020. Número especial.

FREIRE. P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 3 -20, jan./abr. 2014.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8.ed. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 1991.

GUIMARÃES, V.; CATRAMBY, T.; MORAES, C.; SOARES, C.A. A Pandemia da COVID-19 e a Educação Superior em Turismo no Estado do Rio De Janeiro (Brasil): Notas Preliminares de Pesquisa. **Rosa dos Ventos: turismo e hospitalidade**, v. 12, n. 3, p. 1-7, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a09>.

IBGE. Agência de Notícias. **PNAD contínua turismo: 96,1% das viagens tinham destinos nacionais em 2019**. Brasília, DF: IBGE, 2020b. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28568-pnad-continua-turismo-96-1-das-viagens-tinham-destinos-nacionais-em-2019>. Acesso em: 10 jun. 2021.

IBGE. Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. **Relatórios metodológicos**.



IDC. **Estudo da IDC Brasil aponta leve crescimento no mercado de computadores.** 2020. Disponível em: <https://www.idc.com/getdoc.jsp?containerId=prLA47452221>. Acesso em: 2 mar. 2021.

INGIZZA, C. Menos vídeos, mais trabalho: veja como brasileiros usam a internet em 2021. **Exame Negócios**, mar. 2021. Disponível em: <https://exame.com/negocios/menos-videos-mais-trabalho-veja-como-brasileiros-usam-a-internet-em-2021/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

INSTITUTO QUALIBEST/GALUNION. **Alimentação na pandemia- como a Covid-19 impacta os consumidores e os negócios em alimentação.** 2020. Disponível em: <https://www.institutoqualibest.com/marketing/5-habitos-alimentares-que-mudaram-com-a-pandemia/>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MAIA, F.; BERNARDO, K. A; BRIDI, M. A. As Configurações do Trabalho Remoto da Categoria Professor no Contexto da Pandemia Covid-19. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 9, n. 14, p. 8-39, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/19908/12416>. Acesso em: 10 de jun. de 2021.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

NAVILLE, P.; FREDMAN, G. **Tratado de sociología del trabajo.** México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

OPINION BOX. **E-consumo – COVID-19:** relatório de pesquisa sobre o impacto da pandemia do novo Coronavírus no comportamento do consumidor. 2020. Disponível em: <https://materiais.opinionbox.com/pesquisa-coronavirus>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SANTOS, B.S. **A universidade no século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, M; HASTENRIETER, R.; SANTOS, M.; SILVA, I. Do ensino presencial ao remoto: experiências dos docentes do bacharelado em Turismo durante a pandemia de Covid-19.

**Revista Turismo Contemporâneo**, v. 9, n.2, p.172-194, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID23516>.

VERÍSSIMO, F; ALVAREZ, J.M.; BITTAR, W. **A vida urbana:** a evolução do cotidiano da cidade brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.